



ARTE URBANA. SÃO PAULO REGIÃO CENTRAL (1945-1998) + OBRAS DE CARÁTER TEMPORÁRIO E PERMANENTE.

PALLAMIN, VERA. SÃO PAULO: EDITORA ANNABLUME,
2000.

Catharina P. Cordeiro dos Santos Lima

pós- | 185

Em seu livro *A necessidade da arte*, parafraseando Jean Cocteau, Ernst Fischer inicia sua discussão com um inquietante epigrama: “*A poesia é indispensável. Se eu ao menos soubesse para quê...*”

Trata-se de um trabalho registrado em livro e CD-ROM, fruto da terceira etapa de uma pesquisa mais ampla intitulada “Arte urbana: Paisagem, percepção e projeto” que discutiu o tema, tendo como estudos de caso as cidades de Florença, na Itália, e São Francisco, nos Estados Unidos, cidades que faziam parte do cumprimento do programa de pós-doutorado realizado pela autora.

Em cena, a arte urbana, conceituada no 1º capítulo em uma abordagem que, a um só tempo, aprofunda e abre a discussão para uma perspectiva mais ampla e inclusiva, enriquecida pelas contribuições da sociologia, antropologia e filosofia. A arte que se faz no ambiente urbano, na conotação considerada por esse trabalho, concretiza-se no âmago das práticas sociais, articulando-se com a diversidade das formas de apropriação do espaço público. A abordagem valoriza obras que transcendem a sua recepção como objetos passivos, contemplativos ou que sejam tomadas como ornamentos da cidade; fugindo sabiamente do impulso de enquadrar os trabalhos em categorias estéticas, a discussão converge para a consideração dos papéis da arte no território urbano, visto como “campo de processos sociais” expondo e mediando conflitos e contradições; neste sentido abraça também o proscrito, o clandestino, o residual como formas legítimas de expressão de processos socioculturais.

A arte urbana, como vê a autora, materializa-se na abordagem processual em que sua apropriação criativa (no mais autêntico sentido do latino *colere*, criação, que

origina a palavra cultura) preconiza respostas da percepção que, em um crescente de participação do público, abre espaço para eventuais intervenções, alterações e até destruições, alimentando ciclos de finais não previstos, originalmente, por seus autores. Nessa dinâmica fecunda, vislumbra possibilidades imensas de "construção de relações de alteridade" de transformação da percepção de artistas e "usadores" (e não usuários, conotação mais ligada ao consumo veloz e volátil da arte como mercadoria), rumo a uma retomada responsiva e plena dos espaços livres coletivos urbanos, reabilitando-os.

A condição excepcional de visibilidade dessas manifestações artísticas na paisagem urbana – fora da cena de galerias e de museus – a arte das ruas favorece ainda o exercício de práticas socioculturais mais democráticas, passíveis de influir na construção da cidade. Tendo como palco o território do cotidiano, pode quebrar, em um sentido positivo, nossas estruturas de referência, desconcertar, instigar, questionar e, assim, enriquecer a experiência (também) estético-sensorial do ambiente urbano, podendo ainda conduzir a uma inquietação sobre o significado de temas e conceitos tão pertinentes quanto, infelizmente, desgastados pela sua vulgarização pelos meios de comunicação e pela dinâmica predatória do mercado, tais como democracia, inclusão, pertencimento, territorialidade, identidade...

Na paisagem das cidades, no contemporâneo, sobretudo a das grandes metrópoles, de conteúdos e significados embotados pela experiência repetitiva, mecânica e anestésica do movimento humano concentrado nos traslados e passagens, e pela saturação de imagens e outros estímulos do mercado, a conceituação de arte urbana ventilada por Vera Pallamin traz um frescor e um novo alento às possibilidades de transformação do cotidiano, abre espaço para a utopia e inunda nossos horizontes de motivação e predisposição para contribuir nesse processo.

No 2º capítulo, a autora discute os processos de estetização do espaço urbano em curso. Reiterando sua posição que conclama a uma efetiva participação da sociedade no processo do fazer artístico (sem resvalar em demagogias), ratifica a "noção contemporânea de recepção estética" que consiste na idéia de que "*o significado da obra é gerado no devir de seu processo de fruição e leitura e não depositado nela de antemão, numa plena totalidade*" Neste sentido, no primeiro bloco do capítulo em questão, dedica-se à identificação, no contemporâneo dos movimentos na contramão de um processo legítimo de apropriação, discutindo a "cultura como empreendimento" alertando para a lógica perversa do mercado que é capaz de absorver quaisquer intenções e ideais e devolvê-los em uma versão palatável, em uma embalagem atraente. "*Na mercadificação da cultura acentuada nesse processo...*" em que até o clandestino, o marginal pode ser glamourizado e vendido, "*... a alteridade é vista como fonte de vantagens e é apropriada com desfaçatez lucrativa: torna-se também mercadoria*" Nesse processo estéril e obscuro de estetização, esvaziam-se práticas sociais mais conseqüentes, comprometendo as oportunidades de ingerência do público sobre os seus espaços,

seus destinos. Adverte ainda a autora, nesse capítulo, para o cuidado na apreciação de projetos elitizantes de promoção da cultura ligados a processos de gentrificação urbana.

Na última parte do seu livro, Vera Pallamin recupera a importância de um pensar estético, longe das frivolidades ensejadas pelo mercantilismo cultural, a perpassar não apenas instâncias sociais, mas também as esferas várias do conhecimento. Trata-se de uma prospecção mais profunda que reconhece o estético, como argumenta Welsch, citado no texto, como pertencente “... à camada fundamental do conhecimento e da realidade...” distanciando-se de uma apreensão como “... realidade secundária, ulterior...”

O CD-ROM que completa esse trabalho se traduz em um esforço sério de uma pesquisadora arguta e cuidadosa no trato, sabidamente árduo, das fontes primárias. Transcendendo a instância de complemento do texto, essa *mídia* referenda, com documentação valiosa e de forma simbiótica, toda a fundamentação teórico-conceitual do trabalho literário.

Articulando os segmentos “Referências Urbanas” “Referências Artísticas” e “Autores e Obras” abre espaço para um abrangente leque de registros da arte urbana na cidade de São Paulo a partir de 1945, o qual inclui desde obras permanentes e consagradas, até a realidade dinâmica, proscrita e efêmera do teatro de rua (repositário de temas, por vezes, bastante árdus), da atividade mambembe de autores que se encontram fora dos circuitos oficiais da cultura. O CD-ROM acomoda personagens tão distintos quanto Rodolfo Konder, José Roberto Aguillar e Ivanildo Antônio, um dos autores de *A Canção dos Condenados*, espetáculo de rua em que dois personagens permaneceram durante 10 dias presos em uma cela de ferro na Praça da Sé, centro de São Paulo, em 1996, a fim de discutir as condições carcerárias do Brasil.

Muitos foram os autores que se debruçaram sobre temas correlatos com abordagens distintas. O aspecto inovador da obra de Vera Pallamim, a contribuição ímpar do seu trabalho, respalda-se em sua formação plural que mescla o rigor de professora doutora da FAUUSP, de aluna da Faculdade de Filosofia da USP e de pesquisadora, autora de diversos trabalhos acadêmicos, no cruzamento com sua sensibilidade de artista e com suas posições eticamente irrepreensíveis no trato dos temas sociais. Com desenvoltura, adentra as esferas da ciência e da arte, compondo uma abordagem não-linear que enseja um novo campo do conhecimento, uma abordagem verdadeiramente transdisciplinar no sentido de que o interesse não é o de “superar as fronteiras que existem entre as disciplinas, mas em transformar o que gera as fronteiras”¹. “A ética transdisciplinar recusa toda atitude que se negue ao diálogo, a discussão, qualquer que seja a sua origem – de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política, filosófica. O saber compartilhado deveria levar a uma compreensão compartilhada, baseada no respeito absoluto das alteridades unidas pela vida comum numa única e mesma terra.”²

(1) A citação é de autoria de Maria Lúcia Rodrigues, professora titular do curso de pós-graduação da PUC-SP, com texto “Caminhos da transdisciplinariedade”, publicado no caderno *Serviço Social & Sociedade*, n. 64, ano XXI, nov. 2000.

(2) Carta elaborada no 1º Congresso Mundial de Transdisciplinariedade, realizado em Portugal, novembro de 1994 e citada no texto mencionado no item (1).

Em tempo, texto e CD-ROM compõem uma obra que é política (na clara assunção de posturas em favor da recuperação do sentido público do espaço urbano), sem ser sectária e que, embora busque um aprofundamento conceitual (amparada por uma bibliografia irretocável de autores contemporâneos) e revele o rigor da procura de uma precisão lingüística, expressa-se em um texto vibrante, cuja leitura é absolutamente prazerosa. Isso porque sua linguagem evidencia o afeto da autora pelo espaço público, sua energia para a atuação nas práticas sociais diversas, sua paixão pela arte.

Recomendo a seqüência: ver/ouvir o CD-ROM, ler o texto, ver/ouvir o CD-ROM novamente; nesse processo seremos indubitável e positivamente “contaminados” pela leitura de Vera, que, não tendo a pretensão de esgotar o assunto, amplia a nossa percepção sobre os papéis da arte e sobre os espaços de convívio da coletividade urbana, ao mesmo tempo em que nos estimula a pensar a cidade sob ângulos inéditos.

Catharina P. Cordeiro dos Santos Lima

Professora do Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente e do Departamento de Projeto da FAUUSP.